

**12º VCIT**  
**19/06/2012**

## **DISCURSO DE BOAS VINDAS**

Senhor Presidente do IAPMEI,

Senhor Presidente do Banco Popular,

Senhor Presidente da SPMG,

Senhor Presidente da CIP,

Senhor Presidente da Comissão Directiva do COMPETE,

Senhores Oradores convidados,

Caros Investidores e Empreendedores presentes,

Minhas senhoras e meus senhores,

Comemoramos hoje 12 anos consecutivos de trabalho e serviço, prestados não só à nossa Comunidade Empreendedora, como também a todos os Investidores, quer institucionais, quer pertencentes à Comunidade de Business Angels em forte expansão nas várias Associações de todo o país.

E este Congresso tem essa particularidade de ser, em simultâneo, um eixo de várias centralidades, juntando Empreendedorismo, Inovação e Financiamento num espaço único de confluência de ideias e de partilha de conhecimento e boas práticas.

### **Agradecimentos**

Começando pelos Agradecimentos, pois considero ser este o momento certo para expressar o meu reconhecimento público às entidades e pessoas que aqui vou mencionar:

Dirijo, em primeiro lugar, o meu obrigado ao **IAPMEI**, na pessoa do seu Presidente, Dr. Luís Filipe Costa, pelo intenso e valioso trabalho que tem realizado a bem do Ecossistema Empreendedor português. Agradeço também ao Dr. Luís Costa sua intervenção neste Congresso, que já vai sendo habitual – e indispensável - na Abertura dos Trabalhos, sobretudo pelo incentivo à participação activa de todos. Agradeço-lhe, por último, e mais uma vez, o apoio institucional concedido que se afigurou fundamental para a realização desta Edição.

Agradeço, igualmente, ao **BANCO POPULAR**, na pessoa do seu Presidente, Dr. Rui Semedo, a quem deixo o meu manifesto agradecimento pela pronta disponibilidade evidenciada em associar-se como orador desta iniciativa e também por ceder, mais uma vez, o Auditório do Banco Popular para a realização deste Evento.

Uma palavra também de muito apreço para a **SOCIEDADE PORTUGUESA DE GARANTIA MÚTUA**, na pessoa do seu Presidente, Dr. José Fernando Figueiredo, que considero um verdadeiro parceiro das iniciativas desenvolvidas pela Gesventure ao longo destes anos, e a quem muito agradeço por mais uma vez ter patrocinado a realização deste Evento.

Agradeço, ainda, ao Presidente da **CIP – Confederação Empresarial de Portugal**, Sr. António Saraiva, por se ter disponibilizado a estar presente neste Congresso, bem como por toda a confiança que em mim sempre depositou no âmbito das funções que exerço no Conselho Geral desta Confederação.

Saúdo, por último, os nossos parceiros, a **ABREU ADVOGADOS**, a **APCRI** e a **Agência Municipal DNA Cascais**, por mais uma vez terem feito questão de se associarem à Gesventure nesta iniciativa.

Minhas senhoras e meus senhores,

Um dos grandes motes deste Congresso é desafiar, todos quantos aqui estão hoje, a olhar o presente com **criatividade** e a repensar os actuais modelos, pondo de lado todas as ideias pré-concebidas que nos poderão transmitir uma visão redutora de ultrapassar a crise.

A **criatividade** é a essência base do Empreendedorismo e, por isso, os seres humanos são empreendedores porque o desejo de criar está codificado no seu ADN.

Todavia, isto não justifica o modo como se fala, e se encara, hoje o Empreendedorismo como se fosse uma simples medida de escape para o desemprego ou, mais do que isso, uma solução automática para a recuperação económica.

O Empreendedorismo deve ser encarado como uma aposta de longo prazo, que deverá ser iniciada nos programas curriculares do ensino básico e percorrer os vários níveis de ensino, permitindo às crianças e jovens serem levadas, desde muito cedo, a experimentar e a ser desafiadas a desenvolver características empreendedoras.

Além disso, e tal como já o tenho afirmado inúmeras vezes quando falo sobre Empreendedorismo: **“A força de uma ideia mede-se pela sua abrangência e aceitação, mas também pela eficácia das ações de suporte a essas ideias com vista à sua materialização”**.

A criação de uma **Secretaria de Estado para o Empreendedorismo** é, sem dúvida, um sinal de que Portugal está a ir no bom sentido. Tal como também é um bom sinal o vasto conjunto de actores que têm surgido a influenciar o Empreendedorismo em Portugal e a apoiar - cada um à sua maneira e com os seus recursos - os Empreendedores.

Por todo o País vemos Autoridades Municipais, Universidades, **Associações de Business Angels – cujos membros possuem um Fundo de Co-Investimento com 42 milhões de euros para investir, até Junho de 2013, em novas empresas** - Incubadores de empresas, Aceleradoras de empresas, Plataformas de Crowdfunding, entre muitos outros, a providenciar gabinetes de apoio, formação dedicada, consultoria gratuita ou maior acessibilidade a capital, o que demonstra estarmos efetivamente no bom caminho para um Ecossistema mais completo e saudável.

É preciso não esquecer que é absolutamente indispensável “olear” bem este Ecossistema Empreendedor se quisermos que ele se venha a assumir como um **verdadeiro motor da mudança que nos devolva a confiança no futuro**.

Voltando ao mote deste Congresso – a **Criatividade** – é preciso ter presente que Criatividade é saber questionar a realidade e procurar novas soluções para ultrapassar problemas e desafios, é

tentar em novas maneiras de procura de capital, novas formas de investir e de co-investir, novos modelos de negócio e novos métodos de gestão.

Importa aqui ressaltar a tendência para, em períodos de crise e incerteza, se procurar formas alternativas de investimento como o recurso às **operações mezzanine** em que se conjuga as características da dívida e do capital próprio, assumindo frequentemente a forma de empréstimo subordinado ou convertível em capital, ou ao **quasi-equity** em que se conjuga equity com receitas provenientes das vendas.

O recurso ao mercado de capitais, por via do **Alternext**, será seguramente outra importante fonte alternativa de financiamento para as start-ups portuguesas, permitindo-lhes o acesso a uma comunidade financeira que poderá contribuir para o reforço dos seus capitais próprios, liquidez das acções e captação de novos investidores.

Outra alternativa que poderá ser interessante para as start-ups portuguesas é o **recurso ao financiamento de serviços** (por ex.: de informática e de software), em regime de renting, permitindo à empresa tirar partido do retorno que possa gerar o seu investimento em termos de vendas, enquanto paga o serviço de forma diluída.

Existem ainda outras iniciativas mais vocacionadas à **criação de emprego** e visam sobretudo desempregados e jovens que procuram criar o seu posto de trabalho e que acreditam nas suas competências. Recordo-me em particular da linha protocolada entre a CGD, as Sociedades de Garantia Mútua (SGM) e a Sociedade de Investimento (SPGM) que permite financiamentos bonificados de 7 anos até 100.000€ (Microinvest e Invest+).

Creio, no entanto, que de entre as várias formas alternativas de financiamento às start-ups, os **Business Angels** são quem mais se tem assumido como investidores de excelência no financiamento de novos negócios. A comprovar esta realidade, temos os **40 investimentos** por estes realizados em **34 empresas**, no valor de **7.3 Milhões de Euros**, no âmbito do Programa de Co-Financiamento com Business Angels promovido pelo COMPETE, que abrangeu um total de Fundos Disponíveis de 43 Milhões de Euros e um envolvimento de 200 Business Angels e 54 Entidades Veículo.

Comparando estes dados com a informação disponível sobre os **investimentos realizados pelas Sociedades de Capital de Risco**, a discrepância é notória, pois apesar de as SCR terem mais dinheiro para investir (com um total dos Fundos Disponíveis de **187 Milhões de Euros**) estão a fazê-lo muito menos que os Business Angels (**10 projectos realizados** no valor de **5 Milhões de euros**), privilegiando os **investimentos nos estágios de desenvolvimento mais avançados das empresas** e a não apostar em seed capital e start-up.

Espero também que o **Programa Estratégico +E+I e a recente aprovação da configuração do Conselho Nacional para o Empreendedorismo e a Inovação**, venham a contribuir para a implementação no nosso País dos três factores impulsionadores de uma cultura empreendedora: a introdução de métodos no sistema educacional que potenciem a transmissão de competências empreendedoras; o desenvolvimento das capacidades individuais das pessoas com vista à diferenciação; e a aposta na criatividade e em novas maneiras de fazer as coisas, em qualquer sector de actividade.

Creio, pois, que a concretizar-se a visão estratégica subjacente a este programa, tal irá reflectir-se no arranque de novas empresas, na sustentação de muitos empresários dinâmicos e na constatação de que os sistemas de ensino imprimem, na educação e no modo de estar dos nossos jovens, o valor do sentimento empreendedor.

Espero, igualmente, que a **Reforma do Capital de Risco Público**, inserida no âmbito do pacote de medidas para reforçar as condições de financiamento à economia, se venha a traduzir num efectivo apoio aos projetos com «boas equipas e bem pensados».

Todavia, e anteriormente a tudo isto - iniciativas, programas estratégicos, modelos de negócio – há um requisito prévio de verificação indispensável sem o qual nada disto funciona.

Compete, em primeiro lugar, a cada um de nós **reflectir sobre as próprias competências** e saber que tipo de “empreendedorismo” deve adoptar: Criar uma empresa? Reconverter-se profissionalmente? Renegociar as suas funções com a direcção da empresa? Mudar de região ou até mesmo de país?

Esta condição é essencial para que a nossa opção seja mais do que uma aposta num negócio viável à volta de uma ideia, e seja, acima de tudo, uma fonte de motivação e de realização pessoal, indispensável para ultrapassar todos os desafios que vão surgir.

Penso que este Congresso não poderia ser mais propício à **reflexão**. É por isso que o debate e a partilha são tão importantes!

A todos, muito obrigado.

Francisco Banha  
Presidente da GESVENTURE

[fbanha@gesbanha.pt](mailto:fbanha@gesbanha.pt)

[www.gesventure.pt](http://www.gesventure.pt)